

Dina gostava de estar em casa de Rute, porque estava sempre repleta de um calor que não conhecia a realidade do vento que soprava lá fora. Ao entrar no apartamento da irmã, Dina tirou logo as botas e as meias, e ficou muito tempo assim descalça, de pé, para se aquecer. Rute tinha chão aquecido, Rute tinha tudo.

— O que é que estás a fazer? — perguntou Rute, rindo-se.

— Já foste lá fora?

— Não, estive a trabalhar. O que é que se passa lá fora?

— Vento, maninha, vento.

— Aqui também. — Rute voltou a rir-se, soprando para a cara de Dina.

Depois, foram para a cozinha tomar café. Rute encomendou uma piza. O olhar de Dina vagueou pela cozinha, captando desesperadamente tudo, porque em casa de Rute tudo era bonito, repleto de calor e bonito. Às vezes, Dina queria

atirar-lhe isso à cara. Atirar-lhe à cara o facto de ter conseguido fugir. Atirar-lhe à cara o facto de Stefans a ter conseguido tirar de lá. Isto porque Dina não conseguia fugir. Fugir do frio. Da solidão. E, por vezes, parecia-lhe que nem sequer podia fugir. Que não tinha escapatória. Que não tinha direito de o fazer. Nesses momentos, ficava chateada com Rute, porque ela também não deveria poder viver aqui. Não deveria poder saber o que é ter chão aquecido e carinho. Não deveria poder pendurar fios de luzes em todas as prateleiras.

No parapeito da janela, Rute tinha um frasco com *kombucha*. Quando Dina reparou nele, engasgou-se com o café e começou a tossir, rindo-se.

— O que é aquilo? — perguntou Dina, apontando.

— *Kombucha* — explicou-lhe Rute.

— Porque é que o frasco tem rendas? — Dina voltou a rir-se.

Rute amuou e não respondeu.

— Aquele frasco faz-me lembrar alguma coisa. — Dina ficou pensativa e parou de se rir.

— *Kombucha*? — A voz de Rute encheu-se de sarcasmo.

Dina limitou-se a abanar a cabeça. A piza chegara. Com os dedos gordurosos, comeram-na e esqueceram-se da *kombucha*.

— Acompanhas-me à paragem? — perguntou Dina a Rute, mas a irmã recusou com um abanar de cabeça.

— Ainda quero traduzir um bocado.

Abraçaram-se com força e Rute ainda mandou à irmã um beijo pelo ar, antes de a porta se fechar.

Depois, tudo aconteceu tão repentinamente que nem deu para perceber o que se estava a passar. Tão repentinamente

que nem deu para gritar. Tão violentamente que nem deu para se defender. Dina saiu do elétrico número seis, na passagem da rua Mārkalne, e dirigiu-se para casa. A rua estava silenciosa e deserta. Havia carros estacionados cobertos de gelo, bem como uma carrinha vermelha. Era um dia de janeiro sem neve, bastante ventoso, e Dina escondeu a cabeça no cachecol. Foi apenas um instante. Da carrinha saltaram três homens, agarraram-na e puseram-lhe um saco na cabeça. Levantaram-na como se fosse uma boneca e atiraram-na para dentro da carrinha. Não houve nem um único grito. Nem um movimento. Dina ficou imóvel e deixou-se levar, porque, em algum momento da vida, deixara de se defender.

Estava deitada na traseira da carrinha e tentava pôr os pensamentos em ordem. Será que ia doer? Será que ia sobreviver? Será que ia ser rápido? Contudo, não conseguia pensar. A maldita mente estava presa dentro do saco. Tudo estava encarcerado, até o medo. Não sentia medo. Aquilo que sentia era as calças molhadas e frias coladas ao corpo. Tinha mijado nas calças. Parecia-lhe que a carrinha tinha saído de Riga, porque seguia a direito, sem qualquer turbulência e velozmente. Estava deitada no seu próprio mijo, em posição fetal, com um saco na cabeça. De repente, descobriu o que é que a *kombucha* de Rute lhe fazia lembrar.

Naquela altura, Dina tinha cerca de dez anos. Um dia, a mãe, sem lhe perguntar nada, levou-a a ela e à irmã para viverem com Aigars. Disse-lhes que não regressariam a casa e não voltou a tocar no assunto. Amava tanto Aigars quanto, antes dele, amara Vladimirs; ainda antes, Igors e, algures

pelo meio, Jānis. Aigars não era mau, deixava as meninas em paz. Como nunca falava com elas, elas também não falavam com ele. A tagarelice e os risos das filhas valiam um olho roxo à mãe. Apesar do olho roxo, a mãe continuava a amar Aigars, por isso, as filhas não se preocupavam.

No início, como as irmãs não tinham o seu próprio quarto, dormiam no quarto da mãe e Aigars. Tinham um cobertor grosso estendido no chão atrás do armário e um pequeno candeeiro, mas era escuro. Todas as noites, Dina era obrigada a ouvir a mãe a suspirar e ressonar, além de Aigars a gemer. Logo na primeira noite, Dina e Rute mijaram na «cama». Dina tinha vergonha de contar à mãe, mas encheu-se de coragem e contou. Ela deu-lhes um lençol lavado, mas nas duas noites seguintes voltou a acontecer o mesmo. Dina acordou com o cobertor molhado e viu que o lençol tinha uma grande mancha amarela. Vestiu as calças de ganga e foi para a escola, mas, durante o dia, sentira as pernas húmidas. Não voltaram a dizer nada à mãe, porque não havia assim tantos lençóis lavados, e ela andava muito ocupada. Aigars queria estar constantemente com ela e não gostava que a mãe quisesse brincar com Dina e Rute.

As irmãs viveram vários meses atrás do armário. Todas as noites mijavam na cama e às vezes não dava para perceber se quem o fizera fora Dina, Rute ou até ambas. Inspecionavam as manchas nos lençóis para tentar perceber, mas qual era a utilidade disso? Os lençóis continuavam molhados e a cheirar mal, e tinham de dormir neles. Durante o dia, Dina destapava o lençol na esperança que não voltasse a acontecer, que tudo se mantivesse seco e que não voltasse a mijar na cama. Mas mijava. E Rute também.

Mais tarde, conseguiram ter o seu próprio quarto e, quando se mudaram, a mãe foi pela primeira vez atrás do armário. Viu os lençóis mijados. O cobertor em que as irmãs dormiam começara a ficar coberto de mofo. A mãe nada dissera, assim como as filhas. Não se fala sobre mijo.

Era melhor estarem no seu próprio quarto. Cada uma tinha a sua própria cama e deram-lhes plásticos para porem debaixo dos lençóis. Nos primeiros dias, a cama de Dina manteve-se seca. Ficou contente, porque pensou que tinha ultrapassado o hábito de mijar na cama. A cama de Rute, numa das manhãs, estava molhada, mas a irmã ainda era pequena. Não entendia.

Numa noite, Dina acordou porque lhe apetecia ir à casa de banho, mas era no exterior e, para lá chegar, tinha de passar pelo quarto de Aigars. E se acordasse Aigars e ele ficasse zangado? E se ele desse pontapés à mãe? Porque Aigars fazia isso quando se zangava. Nesses momentos de fúria, parecia que a mãe afinal não o amava, mas isso não era verdade. Amava-o, sim. Chorava um pouco, escondia as pisaduras e continuava a amá-lo.

Dina pensou durante algum tempo e chegou a uma solução. Em cima da mesa havia um frasco com água para lavar pincéis. Mijaria ali. A menina acorrou-se, colocou o frasco por baixo de si e, na escuridão, tentou acertar nele. Encheu o frasco até cima e um pouco do mijo molhou-lhe as mãos, mas não havia problema. Estava contente por ter descoberto uma solução tão boa. A cama continuaria seca e não teria de ir para a escola a cheirar mal. Às escondidas, levou para o quarto mais alguns frascos que encontrou no pátio. Também mijou para dentro desses frascos. Quando se acaba-

ram, mijou para uma jarra que ficara no quarto delas, porque Aigars não gostava de jarras. Quando já não tinha para onde mijar, encheu uma tigela que estava por baixo de um vaso.

Dina esvaziava os recipientes poucas vezes, mesmo pouquíssimas. E, por isso, o mijo ficava escuro e cheio de depósito. Parecia a *kombucha*. Agora, Dina finalmente lembrava-se.

A carrinha parou. Dina foi arrancada para fora e, através do saco, sentiu a maresia. Lembrava-se disso, porque Vladimirs, que a mãe amara, vivia junto ao mar. Por esse motivo, o ar do mar era como se fosse o ar da sua infância. O início de um ser humano é na infância. Inspirou profundamente a maresia e saboreou-a. Sentiu uma dor aguda na nuca e tudo ficou escuro.